



RICARDO CORRÊA
COELHO

RETRATOS BLEU, BLANC E ROUGE

EM RECENTE LIVRO *OS FRANCESES*, CIENTISTA SOCIAL FAZ UMA ANÁLISE COMPLETA DA FRANÇA DO PASSADO E DO PRESENTE, DESTACANDO QUESTÕES COMO IMIGRAÇÃO, MULTICULTURALISMO E HISTÓRIA

FRANÇOISE TERZIAN

Ele é originariamente gaúcho, vive em São Paulo com toda a desenvoltura de um típico paulistano e, certamente, é um dos brasileiros que mais compreendem os franceses em profundidade. O cientista social Ricardo Corrêa Coelho, de 47 anos, é um francófono assumido. Já foi casado com uma francesa, morou no início dos anos 1990 em Paris, lê diariamente jornais da França, tem amizade com franceses de esquerda e de direita e fala o idioma de Victor Hugo com uma pronúncia impecável. Por conta de toda essa proximidade com a nação azul, branca e vermelha, foi convidado a escrever o livro *Os Franceses* (Editora Contexto, 352 págs., R\$ 49,90). O resultado é uma belíssima radiografia da história e dos costumes do país.

Na entrevista que concedeu à revista *França Brasil*, ele foi além dessas questões e falou sobre política, a respeito do governo de Nicolas Sarkozy, da admiração dos franceses pelos americanos e sobre todos os fantasmas que cercam a França de hoje

França Brasil - Logo no início de seu livro, você afirma que a França é uma terra de paradoxos. Por quê?

Ricardo Corrêa Coelho - Porque ela é norte e sul, é atlântica e continental. Isso só no plano da geografia. Já na parte cultural, você observa hábitos diferentes na fronteira do país com a Alemanha, junto à Bélgica, e outros costumes na divisa com a Itália e com a Espanha. O próprio espírito francês também é paradoxal. Os franceses podem ser tanto bem-humorados quanto extremamente mal-humorados, assim como podem ser receptivos ou xenófobos. Todas essas diferenças formam o tempero da França, um país com muitas contradições.

FB - Você também comenta em sua obra que Paris é a cidade mais visitada do mundo, embora os parisienses não sejam tão apaixonados pelos turistas. Isso é verdade?

RC - É. Entretanto, os turistas também costumam não gostar dos parisienses. É uma relação difícil. No entanto, uma atração fatal.

FB - Qual é a visão dos brasileiros em relação à França?

RC - Ninguém é indiferente aos franceses. Não se trata de um povo insosso, assim como sua história e sua política também não são insossas.

FB - Muitos brasileiros enxergam o francês - ou talvez o parisiense - como uma pessoa que não ajuda os turistas que não falam seu idioma. Esta é uma visão correta ou estereotipada?

RC - É uma visão estereotipada, e como todo estereótipo tem uma ponta de verdade e outra de mentira. A verdade é que os franceses não gostam de ser abordados em seu país em outro idioma, como se eles fossem obrigados a entendê-lo. Agora, não é correto afirmar que eles têm uma resistência enorme aos estrangeiros.

Eu falo sobre isso no livro.

Se um brasileiro, um indiano, um americano ou qualquer outra pessoa que for visitar a França tiver a humildade de reconhecer que, naquele país, se fala francês, e aprender meia dúzia de palavras só para fazer a primeira abordagem, com certeza será bem-tratado. Ao passo que, se você chegar a Londres e tentar abordar um inglês em uma língua estrangeira, ele vai lhe abrir um belo sorriso e dizer: "I bag your pardon?". Ou seja, ele não entendeu coisa nenhuma. O inglês não vai te destrar, mas também não fará nenhum esforço para entendê-lo. Quando se vai a qualquer país estrangeiro, é preciso ter a vontade de entrar em um universo de um povo diferente do seu. Caso contrário, nem vale a pena sair do seu país. Tem de ter apetite para conhecer algo diferente do vivenciado no dia-a-dia.

FB - Que lições os brasileiros podem aprender com os franceses? Seja de visão de mundo, de cultura ou de hábitos?

RC - A determinação com que fazem as coisas. Os franceses são muito determinados e engajados. Estas são características da sociedade como um todo, dos mais jovens aos mais velhos. No livro, por exemplo, eu falo do Minitel, serviço francês precursor da internet, e também destaco a capacidade de os franceses mudarem rapidamente. Em 2000, 40% das pessoas do país tinham um Minitel em casa. Quatro anos depois, 50% já estavam conectados à internet banda larga. Isso mostra a determinação desse povo.

FB - Também seria um estereótipo afirmar que os franceses têm um sentimento antiamericano?

RC - Os franceses admiram os Estados Unidos, criadores da primeira República moderna. Não foi por acaso que os franceses deram a Estátua da Liberdade como presente pelos 100 anos da independência americana.

FB - O que você achou da atitude do presidente Sarkozy de abandonar a entrevista ao programa americano 60 Minutes, logo após ser feita uma pergunta sobre o fim do seu casamento?

RC - Quando tomou posse, Sarkozy levou à solenidade a mulher e os cinco filhos, fazendo pose de família americana bem-estruturada, coisa que ninguém havia feito até hoje. Na França, o presidente é visto como uma instituição. A vida privada só diz respeito a ele. Não importa se ele é casado, se tem amante ou se é homossexual. O prefeito de Paris, Bertrand Delanoë, é homossexual. O ex-presidente francês François Mitterrand mantinha uma segunda família, e todo mundo sabia. Entretanto, na França não se fala disso. Lá, a vida

privada é privada, e a vida pública é pública.

FB - Apesar dessa característica, recentemente ele passou a expor na mídia seu relacionamento com a ex-modelo italiana Carla Bruni.

RC - Sarkozy é o presidente mais americanizado que a França já teve, mas isso não significa que os franceses se americanizaram. O reflexo de toda essa exposição repercutiu negativamente no eleitorado. Algumas pesquisas mostram que a aceitação do governo está caindo por as pessoas acharem que ele se preocupa mais com a vida pessoal do que com o Estado.

FB - Mas não existe revista de fofoca na França?

RC - Não. Isso é uma coisa do mundo anglo-saxão. Os tablóides britânicos adoram falar da vida sexual das pessoas. Nos Estados Unidos, isso também é fundamental. Mas não na França.

FB - O presidente Sarkozy é muito diferente de seus antecessores?

RC - Ele é diferente porque é muito mais jovem - tem um pouco mais de 50 anos. Todos os presidentes franceses eram septuagenários. Além disso, ele é filho de imigrantes. Se Sarkozy ousou tocar na questão da imigração, eu acho que ele rompeu com um tabu que existe nas forças republicanas - seja a direita ou a esquerda do universo democrático republicano na França, que jamais estabeleceu barreiras com essa questão. Então, eu o vejo com bons olhos. Ele não é fascista como chegaram a chamá-lo, mas de uma direita republicana.

FB - Qual a mudança no comportamento do francês do pós-guerra em comparação ao da atualidade?

RC - Todo mundo muda. No entanto, existe uma matriz francesa que se mantém. Hoje, a França é um país mais miscigenado de forma cultural. No pós-guerra, você tinha uma França branca e católica. Hoje, você tem uma França com um contingente enorme de franceses de pele escura, olho puxado e que professam outra religião. Outras origens não-descendentes dos gauleses, mas dos africanos ou da Indochina, também formam os franceses da atualidade. O perfil do francês mudou. É uma sociedade muito mais cosmopolita e menos homogênea em relação à sociedade do final da Segunda Guerra Mundial.

FB - Como um país tão nacionalista lida com o aspecto da globalização?

RC - Os franceses não pensam muito na globalização. No fim da Segunda Guerra e com a formação da Comunidade Européia, eles estavam muito engajados na construção de uma Europa unificada. A globalização veio a partir dos anos 1980 e trouxe divisão. Hoje, ainda há muitos nacionalistas e xenófobos, tanto que, em 2005, o plebiscito ratificando a União Européia foi derrotado pelos franceses. Mas não só por eles; pelos holandeses também.

FB - Mas a globalização anda roubando postos de trabalho da Europa para a Índia e a China. A Índia com a prestação de serviços de offshore e a China em manufatura. Isso não os assusta?

RC - Claro. Isso assusta, e eles se revoltam. Fazem suas grandes manifestações, suas greves. Isso é uma pedra no sapato dos franceses, sim. Como também é na dos alemães e de toda a Europa. Na Alemanha, o caso é ainda mais claro, uma vez que a 100 quilômetros de lá fica a Polônia, onde o salário de um trabalhador representa um quinto do de um alemão. Os alemães estão tendo de se virar com isso, e o que se observa é toda uma renegociação com os sindicatos, aumento de horas de trabalho, entre outras medidas. Os franceses, por sua vez, são mais resistentes a isso. E o Sarkozy veio bater neste ponto.

FB - De que lado o presidente Sarkozy está? Ele tem a intenção de tornar a França um país mais global?

RC - Ele não fala em globalização. Sarkozy quer que os franceses tenham mais dinheiro no bolso. O regime de trabalho na França é de 35 horas semanais. Se os franceses quiserem trabalhar mais, ele diz que não cobrará 1% a mais de impostos ou contribuição. Foi o que ele propôs. Isso é coisa dos governos de direita. Mas ele não fala em globalização - palavra que não se encontra no discurso de ninguém da França. Quem destaca a globalização é o anglo-saxão. Os ingleses fazem longos discursos sobre os benefícios da globalização.

